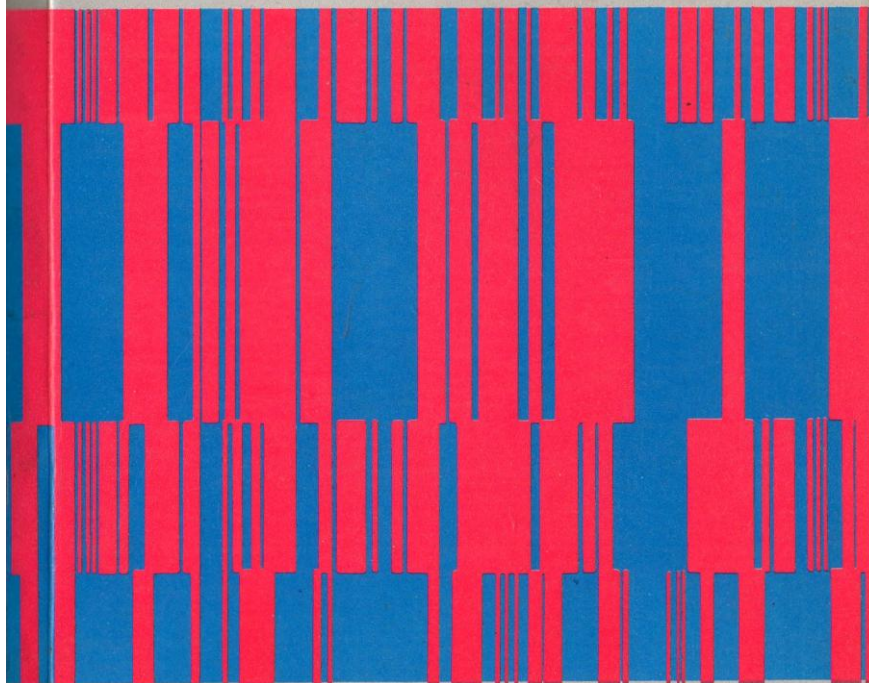




Emile Zola

O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro



ELOS



Emile Zola

O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro

(Introdução, Tradução e Notas
de Italo Caroni e Célia Berrettini)



EDITORA PERSPECTIVA

O ROMANCE EXPERIMENTAL

Cinco destes estudos saíram de início, traduzidos em russo, no *Messenger de l'Europe*¹, uma revista de São Petersburgo. Os outros dois, *Do romance* e *Da crítica*, são apenas coletâneas e classificações de artigos publicados no *Le Bien public*² e no *Le Voltaire*³.

Que me seja permitido testemunhar publicamente toda a minha gratidão à grande nação que houve por bem acolher-me e adotar-me, num momento em que nenhum jornal, em Paris, me aceitava nem tolerava minha batalha literária. A Rússia, numa de minhas terríveis horas de provação e de desencorajamento, devolveu-me toda a fé, toda a força, dan-

1. Revista mensal russa, fundada em 1866 e tratando sobretudo de problemas políticos e de história. Na parte literária, teve colaboradores célebres, como Turgueniev e Gontcharov. Nela Zona publicou vários textos críticos e um romance.

2. Jornal parisiense, fundado em 1871. De tendência radical, filia-se ao pensamento de Voltaire e dos Enciclopedistas. Em Literatura, adepto do Naturalismo. Deixa de circular a partir de 1878, sendo substituído pelo *Le Voltaire*.

3. Jornal fundado em 1878, para suceder ao *Le Bien public*. De mesma tendência portanto. A colaboração de Zola estende-se por dois anos, compreendendo, além de numerosos artigos, o romance *Nana*.

do-me uma tribuna e um público, o mais letrado, o mais apaixonado dos públicos. Foi assim que ela me fez, na crítica, o que sou agora. Não posso falar disso sem emoção e lhe conservarei um eterno reconhecimento.

Estes são, pois, artigos de combate, ou mesmo manifestos, escritos no ímpeto da idéia, sem nenhum requinte de retórica. Eles iam passar por uma tradução, fato que me tirava toda preocupação com a forma. Minha primeira idéia foi reescrevê-los, antes de publicá-los na França. Mas, relendo-os, compreendi que devia deixá-los com suas negligências, com o jato de seu estilo de geômetra, sem o que eu poderia desfigurá-los. Ei-los, portanto, tais como me retornaram, atravancados de repetições, soltos às vezes, com excessiva simplicidade na aparência e aridez no raciocínio. Sou tomado por dúvidas; talvez aí se encontrem minhas melhores páginas, pois, encho-me de vergonha quando penso no enorme amontoado de retórica romântica que já tenho atrás de mim.

EMILE ZOLA

Médan, setembro de 1880.

Em meus estudos literários, tenho falado do método experimental, aplicado ao romance e ao drama. A volta à natureza, a evolução naturalista que empolga nosso século, impulsiona aos poucos todas as manifestações da inteligência humana num mesmo caminho científico. Mas, a idéia de uma literatura determinada pela ciência causou surpresa, por não ter sido bem explicitada e compreendida. Parece-me, portanto, útil dizer claramente o que se deve entender, a meu ver, por romance experimental.

Farei aqui tão-somente um trabalho de adaptação, pois, o método experimental foi estabelecido com uma força e uma clareza maravilhosas por Claude Bernard, em sua *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*¹. Este livro, de um cientista cuja autoridade é decisiva, vai servir-me de base sólida. Nele encontrarei toda a questão tratada, e limitar-me-ei, como argumento irrefutáveis, a dar as citações que me serão necessárias. Será apenas uma compilação de textos, uma vez que pretendo, em todos os pontos, entrincheirar-me atrás de Claude Bernard. No mais das vezes, bastará substituir a palavra "médico" pela palavra "romancista".

1. Cf. nota 2 da Introdução.

para tornar claro o meu pensamento e conferir-lhe o rigor de uma verdade científica.

O que determinou minha escolha, fixando-a na *Introdução*², foi justamente o fato da Medicina ser ainda para muitos uma arte, como o romance. Claude Bernard procurou e combateu durante toda a sua vida para fazer a Medicina entrar num caminho científico. Com ele, assistimos ao balbuciar de uma ciência que se desprende pouco a pouco do empirismo para fixar-se na verdade, graças ao método experimental. Claude Bernard demonstra que este método aplicado ao estudo dos corpos brutos, na Química e na Física, deve ser igualmente aplicado ao estudo dos corpos vivos, em Fisiologia e Medicina. Vou tentar provar por minha vez que, se o método experimental conduz ao conhecimento da vida física, ele deve conduzir também ao conhecimento da vida passional e intelectual. É apenas uma questão de graus no mesmo caminho, da Química à Fisiologia, e em seguida, da Fisiologia à Antropologia e à Sociologia. O romance experimental fica na extremidade.

Para maior clareza, julgo necessário resumir brevemente a *Introdução*. Compreender-se-ão melhor as aplicações que farei do texto, quando se conhecer o plano da obra e as matérias de que ela trata.

Após ter declarado que a Medicina entra desde já no caminho científico com apoio na Fisiologia e graças ao método experimental, Claude Bernard estabelece, de início, as diferenças que existem entre as ciências de observação e as ciências de experimentação. E acaba por concluir que a experiência nada mais é do que uma observação provocada. Todo o racio-

26 2. Zola refere-se à *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, daqui em diante designada simplesmente por *Introdução*.

cínio experimental é baseado na dúvida, pois, o experimenter não deve ter nenhuma idéia preconcebida diante da natureza e deve conservar sempre sua liberdade de espírito. Ele aceita sem reservas os fenômenos que se produzem, quando estes fenômenos são provados.

Em seguida, na segunda parte, aborda o verdadeiro assunto, demonstrando que a espontaneidade dos corpos vivos não se opõe ao emprego da experimentação. A diferença vem unicamente do fato de que um corpo bruto se encontra no meio exterior e comum, enquanto que os elementos dos organismos superiores banham-se num meio interior e aperfeiçoado, mas dotado de propriedades físico-químicas constantes, como o meio exterior. Assim sendo, há um determinismo absoluto nas condições de existência dos fenômenos naturais, tanto para os corpos vivos, quanto para os corpos brutos. Ele chama "determinismo" a causa que determina o aparecimento dos fenômenos. Esta causa próxima, como ele a chama, nada mais é senão a condição física e material da existência ou da manifestação dos fenômenos. O objetivo do método experimental, o termo de toda pesquisa científica é, portanto, idêntico para os corpos vivos e para os corpos brutos: consiste em encontrar as relações que prendem um fenômeno qualquer à sua causa próxima, ou em outras palavras, em determinar as condições necessárias à manifestação deste fenômeno. A ciência experimental não deve se preocupar com o *porquê* das coisas; ela explica o *como*, e nada mais.

Após ter exposto as considerações experimentais comuns aos seres vivos e aos corpos brutos, Claude Bernard passa às considerações experimentais inerentes aos seres vivos. A grande e única diferença é que, nos organismos dos seres vivos, deve-se considerar um conjunto harmônico dos fenômenos. Ele trata a seguir da prática experimental em seres

vivos, da vivisseção, das condições anatômicas preparatórias, da escolha dos animais, do emprego do cálculo no estudo dos fenômenos, e enfim do laboratório do fisiólogo.

Depois, na última parte da *Introdução*, para apoiar as idéias que formulou, Claude Bernard dá exemplos de investigação experimental fisiológica. Fornece, em seguida, exemplos de crítica experimental fisiológica. E termina indicando os obstáculos filosóficos que a Medicina experimental encontra. Na primeira fila, ele coloca a falsa aplicação da Fisiologia à Medicina, a ignorância científica, bem como certas ilusões do espírito médico. Aliás, conclui dizendo que a Medicina empírica e a Medicina experimental, não sendo de forma alguma incompatíveis, devem ser pelo contrário inseparáveis uma da outra. A última palavra do livro é que a Medicina experimental não responde a nenhuma doutrina médica nem a nenhum sistema filosófico.

Tal é, de modo geral, a carcaça da *Introdução*, despojada de sua carne. Espero que esta rápida exposição bastará para preencher os vazios que minha maneira de ver vai fatalmente produzir; pois, como é natural, só tomarei da obra as citações necessárias para definir e comentar o romance experimental. Repito: trata-se apenas de um terreno no qual me apóio, o terreno mais rico em argumentos e em provas de toda espécie. Só a Medicina experimental, balbuciante ainda, pode nos dar uma idéia exata da literatura experimental que, ainda no ovo, não está nem mesmo na fase do balbuciar.

Antes de mais nada, a primeira questão que se coloca é esta: será que em Literatura — onde até aqui apenas a observação parece ter sido empregada — a experiência é possível?

Claude Bernard discute demoradamente observação e experiência. Existe, de início, uma linha demarcatória bem nítida. Ei-la:

Dá-se o nome de *observador* àquele que aplica processos de investigações simples ou complexos ao estudo de fenômenos que não faz variar e que recolhe por conseguinte tal qual a natureza lhos oferece; dá-se o nome de *experimentador* àquele que emprega processos de investigações simples ou complexos para fazer variar ou modificar, com um objetivo qualquer, os fenômenos naturais, e fazê-los aparecer em circunstâncias ou condições nas quais a natureza não os apresentava.

Por exemplo, a Astronomia é uma ciência de observação, porque não se concebe um astrônomo agindo sobre os astros; enquanto que a Química é uma ciência de experimentação, pois, o químico age sobre a natureza e a modifica. Esta é, segundo Claude Bernard, a única distinção realmente importante que separa o observador do experimentador.

Não me é possível segui-lo na discussão das diferentes definições dadas até hoje. Como eu disse, Claude Bernard acaba por concluir que a experiência nada mais é, no fundo, do que uma observação provocada. Ou, citando-o:

No método experimental, a busca dos fatos, isto é, a investigação, é sempre acompanhada de um raciocínio, de modo que, frequentemente, o experimentador faz uma experiência para controlar ou verificar o valor de uma idéia experimental. Logo, pode-se dizer que, neste caso, a experiência é uma observação provocada com um objetivo de controle.

De resto, para conseguir determinar o que pode haver de observação e de experimentação no romance naturalista, bastam-me os trechos seguintes:

O observador constata pura e simplesmente os fenômenos que tem diante dos olhos. . . Ele deve ser o fotógrafo dos fenômenos; sua observação deve representar exatamente a natureza. . . Ele escuta a natureza e escreve o que ela dita. Mas, uma vez constatado o fato e bem observado o fenômeno, surge a idéia, intervém o raciocínio, e o experimentador aparece para interpretar o fenômeno. O experimentador é aquele que, em virtude de uma interpretação mais ou menos provável, mas antecipada, dos fenômenos observados, institui a experiência de maneira que, na ordem lógica das previsões, ela forneça um resultado que sirva de controle da hipótese ou idéia preconcebida. . . A partir do momento em que o resultado da experiência se manifesta, o experimentador encontra-se em face de uma verdadeira observação, que ele provocou, e que, como toda observação, deve ser constatada sem idéia preconcebida. O experimentador deve então desaparecer, ou melhor, transformar-se instantaneamente em observador; e é apenas quando ele tiver constatado os resultados da experiência — exatamente como os de uma observação ordinária — que o intelecto reaparecerá para raciocinar, comparar e julgar se a hipótese experimental se verifica ou se infirma por estes mesmos resultados.

Todo o mecanismo aí vem exposto. Ele é um tanto complicado e leva Claude Bernard a dizer:

Quando tudo isso se passa ao mesmo tempo na cabeça de um cientista que se entrega à investigação numa ciência tão confusa quanto
30 o é ainda a Medicina, há um tal emaranhamento entre o que resulta

da observação e o que pertence à experiência, que seria impossível, e inútil aliás, querer analisar cada um dos termos desta mistura indistinçável.

Em suma, pode-se dizer que a observação “mostra” e que a experiência “instrui”.

Pois bem, voltando ao romance, vemos também que o romancista é feito de um observador e de um experimentador. Nele, o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual a exige o determinismo dos fenômenos estudados. Trata-se quase sempre de uma experiência “para ver”, como a designa Claude Bernard. O romancista sai em busca de uma verdade. Tomarei como exemplo a figura do Barão Hulot, em *A Prima Bette*¹, de Balzac. O fato geral observado por Balzac é a violenta desordem que o temperamento amoroso de um homem causa a si mesmo, à sua família e à sociedade. Tendo escolhido este assunto, Balzac partiu dos fatos observados, e depois instituiu a experiência, submetendo Hulot a uma série de provas, fazendo-o passar por certos meios, para mostrar o funcionamento do mecanismo de sua paixão. É, portanto,

1. *La Cousine Bette*, um dos romances incluídos nas “Cenas da Vida Parisiense” e publicado em 1847. Pode-se discutir a interpretação aqui defendida por Zola. É a inveja da prima Bette que a leva a urdir intrigas maquiavélicas para se vingar dos parentes ricos. No caso do Barão Hulot, sua vingança consiste em favorecer uma inclinação para a luxúria. Bette é a heroína e, por isso mesmo, seu nome constitui o título do romance.

evidente que neste caso não há apenas observação, mas que há também experimentação: Balzac não se limita estritamente — como um fotógrafo — aos fatos recolhidos, visto que ele intervém de maneira direta para colocar a personagem em condições que permanecem sob seu controle. O problema consiste em saber o que determinada paixão, agindo num certo meio e em certas circunstâncias, produzirá sob o ponto de vista do indivíduo e da sociedade; e um romance experimental, *A Prima Bette* por exemplo, é simplesmente o relatório da experiência que o romancista reproduz sob as vistas do público. Em suma, toda a operação consiste em pegar os fatos na natureza e depois estudar o mecanismo dos fatos, agindo sobre os mesmos pelas modificações das circunstâncias e dos meios, sem nunca se afastar das leis da natureza. Ao término, há o conhecimento do homem — conhecimento científico — em sua ação individual e social.

Estamos talvez longe das certezas da Química e mesmo da Fisiologia. Ainda não conhecemos de forma alguma os reativos que decompõem as paixões e que permitem analisá-las. Frequentemente lembrarei, neste estudo, que o romance experimental é mais jovem que a Medicina experimental, a qual aliás acaba de nascer. Mas não pretendo constatar os resultados adquiridos e desejo simplesmente expor claramente um método. Se o romancista experimental ainda caminha às palpadelas na mais obscura e complexa das ciências, isto não impede tal ciência de existir. É inegável que o romance naturalista, tal qual o concebemos agora, é uma experiência verdadeira que o romancista faz com o homem, apoiando-se na observação.

Aliás, esta opinião não é apenas minha; é também a de Claude Bernard. Ele diz, a certa altura:

Na prática da vida, os homens nada mais fazem senão realizar experiências uns com os outros.

E — o que é mais conclusivo — eis aqui toda a teoria do romance experimental:

Quando raciocinamos sobre nossos próprios atos, temos um guia seguro, porque temos consciência do que pensamos e do que sentimos. Mas se quisermos julgar os atos de um outro homem e saber o móbil que o faz agir, é bem diferente. É bem verdade que temos diante dos olhos os movimentos deste homem e suas manifestações, que são, com certeza absoluta, os modos de expressão de sua sensibilidade e de sua vontade. Além do que admitimos também que há uma relação necessária entre os atos e sua causa; mas qual é esta causa? Não a sentimos em nós, não temos consciência dela como quando se trata de nós mesmos; somos, portanto, obrigados a interpretá-la, supô-la através dos movimentos que vemos e das palavras que ouvimos. Devemos então controlar os atos deste homem, uns pelos outros; para isso, consideramos como ele age em tal circunstância e, em uma palavra, recorremos ao método experimental.

Tudo o que evidenciei linhas atrás está resumido nesta última frase, que é de um cientista.

Citarei ainda esta imagem de Claude Bernard, que me impressionou muito: “O experimentador é o juiz de instrução da natureza”². Nós romancistas somos os juízes de instrução dos homens e de suas paixões.

Mas imagine-se esta primeira clareza que jorra, quando nos colocamos sob o ponto de vista do método experimental aplicado ao romance, com todo o rigor científico que a maté-

2. Em francês, “le juge d’instruction”. A tradução “juiz de instrução” é aproximada. Pelos textos jurídicos consultados, concluímos que se trata do juiz preparador do processo, ou seja, aquele que dirige o processo no período de discussão e elucidação dos fatos que antecedem o julgamento.

ria comporta hoje! Uma crítica estúpida que nos tem sido feita, a nós escritores naturalistas, é de querermos ser unicamente fotógrafos. Por mais que declaremos que admitimos o temperamento e a expressão pessoal, continuam a nos responder com argumentos imbecis sobre a impossibilidade de ser estritamente verdadeiro, sobre a necessidade de arranjar os fatos para constituir uma obra de arte qualquer. Pois bem, com a aplicação do método experimental ao romance, cessam todas as querelas. A idéia de experiência traz em si a idéia de modificação. Partimos realmente dos fatos verdadeiros, que constituem nossa base indestrutível; mas, para mostrar o mecanismo dos fatos, temos que produzir e dirigir os fenômenos. Esta é nossa parte de invenção e de gênio na obra. Assim, sem precisar recorrer às questões da forma e do estilo, que examinarei mais tarde, constato desde já que, quando empregamos o método experimental em nossos romances, devemos modificar a natureza, sem sair da natureza. Se nos reportarmos à definição: "A observação mostra, a experiência instrui", podemos desde já reclamar para nossos livros esta elevada lição da experiência.

O escritor, longe de ser diminuído, se engrandece singularmente. Uma experiência, mesmo a mais simples, é sempre baseada numa idéia, nascida por sua vez de uma observação. Como diz Claude Bernard:

A idéia experimental não é de modo algum arbitrária, nem puramente imaginária; ela deve ter sempre um ponto de apoio na realidade observada, isto é, na natureza.

É sobre esta idéia, e sobre a dúvida, que ele baseia todo o método.

34 O aparecimento da idéia experimental, diz ele mais adiante, é totalmente espontâneo, e sua natureza inteiramente individual; é

um sentimento particular, um *quid proprium*, que constitui a originalidade, a invenção ou o gênio de cada um.

Em seguida, ele faz da dúvida a grande alavanca científica.

O duvidador é o verdadeiro cientista; ele duvida apenas de si mesmo e de suas interpretações, mas crê na ciência; ele admite até, nas ciências experimentais, um *criterium* ou um princípio abstrato, o determinismo dos fenômenos, que é absoluto tanto nos fenômenos dos corpos vivos quanto nos dos corpos brutos.

Portanto, em vez de encerrar o romancista em liames estreitos, o método experimental abandona-o totalmente à sua inteligência de pensador e a todo seu gênio de criador. Ele terá que ver, compreender, inventar. Um fato observado fará eclodir a idéia da experiência que deve instituir, do romance que deve escrever, para chegar ao conhecimento completo de uma verdade. Em seguida, quando tiver discutido e fixado o plano da experiência, julgará os resultados a cada minuto, com a liberdade de espírito de um homem que só aceita os fatos conformes ao determinismo dos fenômenos. Ele tomou a dúvida como ponto de partida, para chegar ao conhecimento absoluto; e só deixa de duvidar, quando o mecanismo da paixão, desmontado e montado de novo, funciona segundo leis fixadas pela natureza. Não há trabalho mais amplo nem mais livre para o espírito humano. Veremos mais adiante as fraquezas dos escolásticos, dos sistemáticos e dos teóricos do ideal, ao lado do triunfo dos experimentadores.

Resumo esta primeira parte, repetindo que os romancistas naturalistas observam e experimentam, e que todo seu trabalho nasce da dúvida em que se colocam diante das verdades mal conhecidas, dos fenômenos inexplicados, até que

uma idéia experimental desperte bruscamente um dia seu gênio e os impele a instituir uma experiência, para analisar os fatos e dominá-los.

II

Este é, portanto, o método experimental. Mas durante muito tempo se negou que ele pudesse ser aplicado aos corpos vivos. Aqui está o ponto importante da questão, que passo a examinar com Claude Bernard. O raciocínio será, em seguida, dos mais simples: se o método experimental pôde ser transposto da Física e da Química para a Fisiologia e a Medicina, ele pode sê-lo da Fisiologia para o romance naturalista.

Cuvier¹ — para se citar apenas este cientista — pretendia que a experimentação, aplicável aos corpos brutos, não o era aos corpos vivos; a Fisiologia, segundo ele, devia ser puramente uma ciência de observação e de dedução anatômica. Os vitalistas² ainda admitem uma força vital, que estaria, nos corpos vivos, em luta constante com as forças físico-

1. Georges Cuvier, naturalista francês (1769-1832), membro e secretário da Academia das Ciências, professor do Collège de France e considerado como o criador da Anatomia Comparada e da Paleontologia. Balzac, que o considerava como um grande poeta, desenvolve, no romance *A Pele de Onagro*, a sensação de vertigem provocada pela leitura de seus tratados geológicos.

2. Adeptos do *vitalismo*, doutrina que crê na existência de um princípio vital distinto da alma e do organismo e do qual dependem as atividades orgânicas. De origem remota, o vitalismo tinha ainda grande aceitação em princípios do século passado.

-químicas e que neutralizaria a ação destas. Claude Bernard, pelo contrário, nega qualquer força misteriosa e afirma que a experimentação é aplicável em tudo.

Proponho-me, diz ele, a estabelecer que a ciência dos fenômenos da vida não pode ter outras bases que não as da ciência dos fenômenos dos corpos brutos e que, neste aspecto, não há nenhuma diferença entre os princípios das ciências biológicas e os das ciências físico-químicas. Com efeito, o objetivo buscado pelo método experimental é o mesmo em toda parte e consiste em ligar, através da experiência, os fenômenos naturais às suas condições de existência ou às suas causas próximas.

Parece-me inútil entrar nas explicações e raciocínios complicados de Claude Bernard. Eu disse que ele insistia sobre a existência de um meio interior no ser vivo.

Na experimentação com os corpos brutos, diz ele, basta levar em conta um só meio, o meio cósmico exterior; enquanto nos seres vivos elevados há que se considerar pelo menos dois meios: o meio exterior ou extraorgânico, e o meio interior ou intra-orgânico. A complexidade devida à existência de um meio orgânico interior é a única razão das grandes dificuldades que encontramos na determinação experimental dos fenômenos da vida e na aplicação dos meios capazes de a modificar.

E ele parte disso, para estabelecer que existem leis fixas para os elementos fisiológicos, mergulhados no meio interior, como existem leis fixas para os elementos químicos, mergulhados no meio exterior. Assim sendo, pode-se experimentar com o ser vivo, como com o ser bruto; o essencial é colocar-se nas condições desejadas.

Eu insisto, porque — repetindo — o ponto importante da questão reside nisso. Falando dos vitalistas, Claude Bernard escreve:

Eles consideram a vida como uma influência misteriosa e sobrenatural que age arbitrariamente, libertando-se de todo determinismo, e tacham de materialistas todos os que se esforçam para reduzir os fenômenos vitais a condições orgânicas e físico-químicas determinadas. São idéias falsas que não é fácil extirpar, quando se alojam numa mente; só os progressos da ciência as farão desaparecer.

E ele coloca este axioma:

Nos seres vivos, tanto quanto nos corpos brutos, as condições de existência de todo fenômeno são determinadas de uma maneira absoluta.

Vou limitar-me, para não complicar excessivamente o raciocínio. Eis, portanto, o progresso da ciência. No século passado, uma aplicação mais exata do método experimental cria a Química e a Física, que se desprendem do irracional e do sobrenatural. Graças à análise, descobre-se que há leis fixas: os fenômenos são dominados. Depois, um novo passo é dado. Os corpos vivos, nos quais os vitalistas ainda admitiam uma influência misteriosa, são por sua vez reduzidos ao mecanismo geral da matéria. A ciência prova que as condições de existência de todo fenômeno são as mesmas nos corpos vivos e nos corpos brutos; e desta forma a Fisiologia adquire pouco a pouco as certezas da Química e da Física. Mas, devemos parar aí? Evidentemente não. Quando se tiver provado que o corpo do homem é uma máquina, cujos mecanismos o experimentador poderá desmontar e montar de novo à vontade, será necessário passar aos atos passionais e intelectuais do homem. Entraremos então no domínio que pertencia até agora à Filosofia e à Literatura; será a conquista definitiva, pela ciência, das hipóteses dos filósofos e dos escritores. Temos a Química e a Física experimentais; teremos a Fisiologia experimental; mais tarde ainda teremos

o romance experimental. Esta é uma progressão que se impõe e seu termo final é fácil de se prever desde hoje. Tudo está interligado; foi preciso partir do determinismo dos corpos brutos para se chegar ao determinismo dos corpos vivos; e, uma vez que cientistas como Claude Bernard demonstram agora que leis fixas regem o corpo humano, pode-se anunciar, sem medo de errar, a hora em que as leis do pensamento e das paixões serão por sua vez formuladas. Um mesmo mecanismo deve reger a pedra dos caminhos e o cérebro do homem.

Esta opinião encontra-se na *Introdução*. Nunca será demais repetir que tiro meus argumentos de Claude Bernard. Após ter explicado que fenômenos muito especiais podem ser o resultado da união ou da associação cada vez mais complexa dos elementos organizados, ele escreve:

Estou convencido que os obstáculos que envolvem o estudo experimental dos fenômenos psicológicos são devidos em grande parte a dificuldades desta ordem; pois, apesar de sua natureza maravilhosa e da delicadeza de suas manifestações, é impossível, a meu ver, não incluir os fenômenos cerebrais, como todos os fenômenos dos corpos vivos, nas leis de um determinismo científico.

Isso é claro. Mais tarde, com certeza, a ciência encontrará este determinismo de todas as manifestações cerebrais e sensuais do homem.

Desde já a ciência entra, portanto, no nosso domínio de romancistas, nós que somos agora analistas do homem, em sua ação individual e social. Continuamos, pelas nossas observações e experiências, o trabalho do fisiólogo que continuou o do físico e do químico. Praticamos, de certa forma, a Psicologia científica, para completar a Fisiologia científica; e, para acabar a evolução, temos tão-somente que trazer para
40 nossos estudos sobre a natureza e o homem o instrumento

decisivo do método experimental. Em uma palavra, devemos trabalhar com os caracteres, as paixões, os fatos humanos e sociais, como o químico e o físico trabalham com os corpos brutos, como o fisiólogo, trabalha com os corpos vivos. O determinismo domina tudo. É a investigação científica, é o raciocínio experimental que combate, uma por uma, as hipóteses dos idealistas, e substitui os romances de pura imaginação pelos romances de observação e de experimentação.

Por certo, não tenho aqui a intenção de formular leis. No estado atual da ciência do homem, a confusão e a obscuridade são ainda muito grandes para se arriscar a menor síntese. Tudo o que se pode dizer é que há um determinismo absoluto para todos os fenômenos humanos. Assim sendo, a investigação é um dever. Possuímos o método, devemos ir em frente, mesmo se uma vida inteira de esforços propiciar apenas a conquista de uma parcela de verdade. Vejam a Fisiologia: Claude Bernard fez grandes descobertas, e morreu confessando que não sabia nada ou quase nada. Em cada página, ele confessa as dificuldades de sua tarefa:

Nas relações dos fenômenos, diz ele, tal qual a natureza no-las oferece, reina sempre uma complexidade maior ou menor. Neste aspecto, a complexidade dos fenômenos minerais é muito menor que a dos fenômenos vitais; por isso, as ciências que estudam os corpos brutos se constituíram mais depressa. Nos corpos vivos, os fenômenos são de uma complexidade enorme, além do que a mobilidade das propriedades vitais os torna mais difíceis de entender e de determinar.

Que dizer então das dificuldades que deve encontrar o romance experimental, o qual tira da Fisiologia os estudos sobre os órgãos mais complexos e mais delicados, e que trata das manifestações mais elevadas do homem, como indivíduo e como membro social? Evidentemente, a análise se complica 41

muito mais. Portanto, se a Fisiologia está se constituindo hoje, é natural que o romance experimental esteja ainda em seus primeiros passos. Ele é previsto como uma consequência fatal da evolução científica do século; mas é impossível baseá-lo em leis seguras. Quando um Claude Bernard fala "das verdades, restritas e precárias da ciência biológica", pode-se muito bem confessar que as verdades da ciência do homem, sob o ponto de vista do mecanismo intelectual e passional, são mais precárias e restritas ainda. Estamos balbuciando, somos os recém-chegados; mas isto deve ser apenas um aguilhão a mais para nos impelir a estudos exatos, levando-se em conta que temos o instrumento, o método experimental, e que nosso objetivo é bem nítido: conhecer o determinismo dos fenômenos e dominar estes fenômenos.

Sem me arriscar a formular leis, julgo que a questão da hereditariedade tem uma grande influência nas manifestações intelectuais e passionais do homem. Também dou uma importância considerável ao meio. Seria preciso abordar as teorias de Darwin³; mas isto é apenas um estudo geral sobre o método experimental aplicado ao romance, e eu me perderia, se quisesse entrar em pormenores. Direi apenas uma palavra sobre os meios. Acabamos de ver a importância decisiva dada por Claude Bernard ao estudo do meio intra-orgânico, que se deve levar em conta, quando se quer encontrar o determi-

3. Charles Darwin, naturalista inglês (1809-1882) que coletou imensa documentação durante viagem exploratória de cinco anos através da América do Sul e ilhas do Pacífico. Sua obra capital, bastante controvertida, — *Da Origem das Espécies por Via de Seleção Natural* (1859) — lançou as bases da teoria transformista. A influência da doutrina darwinista em Zola é bem discutida na obra de De Lattre, já mencionada: *Le Réalisme Selon Zola. Archéologie d'une Intelligence*.

nismo dos fenômenos nos seres vivos. Pois bem, no estudo de uma família, de um grupo de seres vivos, creio que o meio social tem igualmente uma importância capital. Um dia, a Fisiologia nos explicará possivelmente o mecanismo do pensamento e das paixões; saberemos como funciona a máquina individual do homem, como ele pensa, como ele ama, como ele vai da razão à paixão e à loucura. Mas, estes fenômenos, estes fatos do mecanismo dos órgãos que agem sob a influência do meio interior, não se produzem, externamente, de modo isolado e no vazio. O homem não está só, ele vive numa sociedade, num meio social; assim, para nós romancistas, este meio social modifica constantemente os fenômenos. Aliás, nosso grande estudo reside nisso, no trabalho recíproco da sociedade sobre o indivíduo e do indivíduo sobre a sociedade. Para o fisiólogo, o meio exterior e o meio interior são puramente químicos e físicos, o que permite encontrar facilmente suas leis. Ainda não estamos em condições de provar que o meio social também é apenas químico e físico. Ele o é certamente, ou antes, ele é o produto variável de um grupo de seres vivos que, estes sim, estão absolutamente submetidos às leis físicas e químicas que regem tanto os corpos vivos quanto os corpos brutos. Assim sendo, veremos que podemos agir sobre o meio social, se agirmos sobre os fenômenos que tivermos dominado no homem. E é isto que constitui o romance experimental: possuir o mecanismo dos fenômenos do homem, mostrar a engrenagem das manifestações intelectuais e sensuais, tal qual a Fisiologia no-las explicará, sob as influências da hereditariedade e das circunstâncias-ambiente, e depois mostrar o homem vivendo no meio social que ele mesmo produziu, que modifica todos os dias, e no seio do qual experimenta por sua vez uma transformação contínua. Assim, portanto, nós nos apoiamos

na Fisiologia, tomamos o homem isolado das mãos do fisiólogo para continuar a solução do problema e resolver cientificamente a questão de se saber como se comportam os homens, desde que estão em sociedade.

Estas idéias gerais bastam para nos guiar hoje. Mais tarde, quando a ciência tiver caminhado, quando o romance experimental tiver dado resultados decisivos, algum crítico especificará o que eu me limito a indicar hoje.

Aliás, Claude Bernard confessa quanto é difícil a aplicação do método experimental aos seres vivos.

O corpo vivo, diz ele, sobretudo nos animais elevados, nunca cai em indiferença físico-química com o meio exterior; ele possui um movimento incessante, uma evolução orgânica espontânea e constante na aparência, e embora esta evolução tenha necessidade das circunstâncias exteriores para se manifestar, ela é independente de tais circunstâncias em sua marcha e em sua modalidade.

E ele conclui, como eu já disse:

Em resumo, somente nas condições físico-químicas do meio interior é que encontraremos o determinismo dos fenômenos exteriores da vida.

Mas sejam quais forem as complexidades que se apresentam, mesmo quando se produzem fenômenos especiais, a aplicação do método experimental permanece rigorosa. Se os fenômenos vitais têm uma complexidade e uma aparente diferença daqueles dos corpos brutos, eles só apresentam esta diferença em virtude das condições determinadas ou determináveis que lhes são próprias. Portanto, se as ciências vitais devem diferir das outras por suas aplicações e suas leis especiais, elas não se distinguem pelo método científico.

Cabe-me ainda dizer uma palavra sobre os limites traçados por Claude Bernard para a ciência. Para ele, ignoraremos sempre o *porquê* das coisas; só podemos saber o *como*. É o que ele explica nestes termos:

A natureza de nosso espírito nos leva a procurar a essência ou o *porquê* das coisas. Nisso, visamos mais longe do que o alvo que nos é dado atingir, pois a experiência nos ensina logo que não devemos ir além do *como*, isto é, além da causa próxima ou das condições de existência dos fenômenos.

Mais adiante, ele dá este exemplo:

Se não podemos saber *porque* o ópio e seus alcalóides fazem dormir, poderemos conhecer o mecanismo deste sono e saber *como* o ópio ou seus princípios fazem dormir, pois o sono só acontece porque a substância ativa vai se pôr em contato com certos elementos orgânicos, modificando-os.

E a conclusão prática é esta:

A ciência tem justamente o privilégio de nos ensinar aquilo que ignoramos, substituindo o sentimento pela razão e pela experiência, e mostrando-nos claramente o limite de nosso conhecimento atual. Mas, graças a uma maravilhosa compensação, na medida em que rebaixa assim nosso orgulho, a ciência aumenta nosso poder.

Todas estas considerações são estritamente aplicáveis ao romance experimental. Para não se perder em especulações filosóficas, para substituir as hipóteses idealistas pela lenta conquista do desconhecido, ele deve ater-se à busca do *porquê*⁴ das coisas. Tal é seu papel exato, e é disso que, vamos ver, ele tira sua razão de ser e sua moral.

4. O *porquê*, aqui, surpreende. Toda a argumentação de Zola tende a provar o contrário (cf. pp. 27, 51-62, 68): Zola conclama 45

Cheguei, portanto, ao ponto seguinte: o romance experimental é uma consequência da evolução científica do século; ele continua e completa a Fisiologia, a qual se apóia por sua vez na Química e na Física; ao estudo do homem abstrato, do homem metafísico, ele opõe o estudo do homem natural, submetido às leis físico-químicas e determinado pelas influências do meio. O romance experimental é, em uma palavra, a literatura de nossa idade científica, como a literatura clássica e romântica correspondeu a uma idade de escolástica e de teologia. Agora, vou abordar o importante problema de aplicação e de moral.

III

O objetivo do método experimental, em Fisiologia e em Medicina, é estudar os fenômenos, com o intuito de dominá-los. Em cada página da *Introdução*, Claude Bernard insiste sobre esta idéia. Como ele o declara:

Toda a filosofia natural se resume nisso: conhecer as leis dos fenômenos. Todo o problema experimental se resume nisto: prever e dirigir os fenômenos.

Mais adiante, ele dá um exemplo:

Não bastará ao médico experimentador, como ao médico empírico, saber que a quinquina cura a febre; mas o que lhe importa, sobretudo, é saber o que é a febre e descobrir o mecanismo pelo qual a quinquina faz esta cura. Tudo isso importa para o médico experimentador, porque, assim que ele o souber, a cura da febre pela quinquina não será mais um fato empírico e isolado, mas um fato científico. Este fato se prenderá então a condições que o associarão a outros fenômenos, e seremos assim conduzidos ao conhecimento das leis do organismo e à possibilidade de regular suas manifestações.

O exemplo se torna mais expressivo no caso da sarna.

Hoje, que a causa da sarna é conhecida e determinada experimentalmente, tudo se tornou científico, e o empirismo desapareceu. . . Curamos sempre e sem exceção, quando nos colocamos nas condições experimentais conhecidas para atingir este objetivo.

Portanto, este é o objetivo, esta é a moral, na Fisiologia e na Medicina experimentais: tornar-se mestre da vida para dirigi-la. Admitamos que a ciência tenha caminhado, que a conquista do desconhecido seja completa: a idade científica que Claude Bernard viu em sonho estará realizada. Desta forma, o médico será mestre das doenças; ele curará infalivelmente e agirá sobre os corpos vivos para a felicidade e o vigor da espécie. Entrar-se-á num século em que o homem todo-poderoso terá subjugado a natureza e utilizará suas leis para fazer reinar sobre esta terra a maior soma possível de justiça e de liberdade. Não há objeto mais nobre, mais elevado, nem maior. Nosso papel de ser inteligente reside nisso: penetrar o como das coisas, para nos tornarmos superiores às coisas e reduzi-las ao estado de mecanismos obedientes.

Pois bem, este sonho do fisiólogo e do médico experimentador é também o do romancista que aplica o método experimental ao estudo natural e social do homem. Nosso objetivo é o deles; queremos, nós também, ser mestres dos fenômenos dos elementos intelectuais e pessoais, para poder dirigi-los. Somos, em uma palavra, moralistas experimentadores, mostrando, pela experiência, de que modo uma paixão se comporta num meio social. No dia em que detivermos o mecanismo desta paixão, poderemos tratá-la e reduzi-la, ou pelo menos torná-la a mais inofensiva possível. Eis onde se encontram a utilidade prática e a elevada moral de nossas obras naturalistas, que fazem experiências com o homem, que desmontam e tornam a montar peça por peça a máquina humana, para fazê-la funcionar sob a influência dos meios. Quando os tempos tiverem caminhado, quando possuirmos as leis, bastará agir sobre os indivíduos e sobre os meios, se quisermos chegar ao melhor estado social. É assim que

fazemos sociologia prática e que nosso trabalho auxilia as ciências políticas e econômicas. Não conheço, repito-o, trabalho mais nobre nem de aplicação mais vasta. Ser mestre do bem e do mal, regular a vida, regular a sociedade, resolver com o tempo todos os problemas do socialismo, e, sobretudo, trazer bases sólidas para a justiça, resolvendo pela experiência as questões de criminalidade, não é ser os operários mais úteis e mais morais do trabalho humano?

Comparemos por um instante o trabalho dos romancistas idealistas ao nosso; e aqui a palavra idealistas indica os escritores que saem da observação e da experiência para basearem suas obras no sobrenatural e no irracional, que admitem em suma forças misteriosas, fora do determinismo dos fenômenos. Claude Bernard responderá de novo por mim:

O que distingue o raciocínio experimental do raciocínio escolástico é a fecundidade do primeiro e a esterilidade do outro. O escolástico, justamente, que acredita ter certeza absoluta, não chega a nada; concebe-se isto, posto que, por um princípio absoluto, ele se coloca fora da natureza, na qual tudo é relativo. Ao passo que o experimentador, que duvida sempre e acredita não possuir certeza absoluta a respeito de nada, consegue dominar os fenômenos que o circundam e estender seu poder sobre a natureza.

Daqui a pouco, voltarei a esta questão do ideal que nada mais é, em suma, do que a questão do indeterminismo. Claude Bernard diz, com razão:

A conquista intelectual do homem consiste em diminuir e recalcar o indeterminismo, na medida em que, com a ajuda do método experimental, ele ganha terreno contra o determinismo.

Este é o verdadeiro trabalho que nos cabe, a nós romancistas experimentadores: ir do conhecido ao desconhecido, 49

para nos tornarmos mestres da natureza; enquanto que os romancistas idealistas permanecem, por *parti pris*, no desconhecido, graças a todo tipo de preconceitos religiosos e filosóficos, com o pretexto estupefaciente de que o desconhecido é mais nobre e mais belo do que o conhecido. Se nosso trabalho, por vezes cruel, se nossos quadros terríveis necessitassem desculpas, eu encontraria ainda em Claude Bernard este argumento decisivo:

Só chegaremos a generalizações verdadeiramente fecundas e luminosas sobre os fenômenos vitais na medida em que nós mesmos fizermos experiências e revolvermos o terreno fétido ou palpitante da vida, no hospital, na sala de aula e no laboratório. Se fosse necessário apresentar uma comparação que exprimisse minha maneira de pensar sobre a ciência da vida, eu diria que ela é um soberbo salão, todo resplandescente de luz, ao qual só se pode chegar passando por uma comprida e horrorosa cozinha.

Volto a insistir sobre a expressão “moralistas experimentadores”, que empreguei para designar os romancistas naturalistas. Fiquei impressionado sobretudo com uma página da *Introdução*, aquela em que o autor fala do *circulus* vital. Citando:

Os órgãos musculares e nervosos mantêm a atividade dos órgãos que preparam o sangue; mas o sangue por sua vez nutre os órgãos que o produzem. Existe desta forma uma solidariedade orgânica ou social que mantêm uma espécie de movimento perpétuo, até que o desarranjo ou o cessar da ação de um elemento vital necessário rompa o equilíbrio e acarrete uma perturbação ou uma parada na atividade da máquina animal. O problema do médico experimentador consiste, portanto, em achar o determinismo simples de um desarranjo orgânico, isto é, descobrir o fenômeno inicial. . . Veremos como um deslocamento no organismo ou um desarranjo, dos mais complexos na aparência, pode ser reduzido a um determinismo simples inicial que provoca em seguida determinismos mais complexos.

Aqui também basta trocar as palavras “médico experimentador” por “romancista experimentador”, e todo o trecho se aplica exatamente a nossa literatura naturalista. O *circulus* social é idêntico ao *circulus* vital: na sociedade, tanto quanto no corpo humano, existe uma solidariedade que liga os diferentes membros, os diferentes órgãos, entre si, de tal modo que, se um órgão apodrece, muitos outros são atingidos e uma doença muito complexa se declara. Assim sendo, quando em nossos romances fazemos experiência sobre uma ferida grave que envenena a sociedade, procedemos como o médico experimentador: tentamos encontrar o determinismo simples inicial, para chegar depois ao determinismo complexo cuja ação ocorreu em seguida. Vamos retomar o exemplo do Barão Hulot, em *A Prima Bette*. Vejam o resultado final, o desfecho do romance: uma família inteira destruída e ocorrência de vários tipos de dramas secundários, sob a ação do temperamento amoroso de Hulot. É neste temperamento que se encontra o determinismo inicial. Com a gangrena de um simples membro, Hulot, logo tudo se estraga ao seu redor, o *circulus* social se emperra, a saúde da sociedade fica comprometida. Por isso, como Balzac deu ênfase à figura do Barão Hulot, como a analisou com escrupuloso cuidado! A experiência visa sobretudo a ele, porque era necessário tornar-se mestre do fenômeno desta paixão para dirigi-la. Admitamos que se possa curar Hulot, ou pelo menos contê-lo e torná-lo inofensivo; de imediato, o drama não tem mais razão de ser, fica restabelecido o equilíbrio, ou melhor dizendo, a saúde do corpo social. Logo, os romancistas naturalistas são realmente moralistas experimentadores.

E chego, assim, à grave crítica com a qual muitos acreditam prostrar os romancistas naturalistas, tratando-os de fatalistas. Quantas vezes nos quisera provar que, como

não aceitávamos o livre-arbítrio e como o homem era para nós uma simples máquina animal que age sob a influência da hereditariedade e dos meios, estávamos caindo num fatalismo grosseiro e rebaixando a humanidade à categoria de um rebaño que caminha sob o cajado do destino! É necessário esclarecer: não somos fatalistas, somos deterministas, o que não é de forma alguma a mesma coisa. Claude Bernard explica muito bem os dois termos:

Demos o nome de determinismo à causa próxima ou determinante dos fenômenos. Jamais agimos sobre a essência dos fenômenos da natureza, mas apenas sobre seu determinismo, e pelo simples fato de agirmos sobre o determinismo, este difere do fatalismo, sobre o qual não poderíamos agir. O fatalismo supõe a manifestação necessária de um fenômeno que independe de suas condições, enquanto que o determinismo é a condição necessária de um fenômeno cuja manifestação não é forçada. Uma vez que a procura do determinismo dos fenômenos é colocada como o princípio fundamental do método experimental, já não há mais materialismo nem espiritualismo, e tampouco matéria bruta ou matéria viva; há apenas fenômenos dos quais é preciso determinar as condições, isto é, as circunstâncias que desempenham, com relação a estes fenômenos, o papel de causa próxima.

Isto é decisivo. Nada mais fazemos do que aplicar este método em nossos romances; somos, portanto, deterministas que procuramos determinar experimentalmente as condições dos fenômenos, sem nunca sairmos, em nossa investigação, das leis da natureza. Como o diz muito bem Claude Bernard, desde que podemos agir, e desde que agimos realmente sobre o determinismo dos fenômenos, modificando os meios, por exemplo, não somos fatalistas.

Eis, portanto, bem caracterizado o papel moral do romancista experimentador. Muitas vezes eu disse que não
52 tínhamos que tirar uma conclusão de nossas obras, e isto

significa que nossas obras trazem em si suas conclusões. Um experimentador não tem que concluir, porque, justamente, a experiência conclui por ele. Cem vezes, se necessário, ele repetirá a experiência diante do público, a explicará, mas não terá que indignar-se, nem aprovar pessoalmente: tal é a verdade, tal é o mecanismo dos fenômenos; compete à sociedade continuar produzindo ou não este fenômeno, conforme seu resultado seja útil ou perigoso. Não se concebe — já o disse em outro lugar — um cientista zangando-se contra o azoto, porque o azoto é impróprio para a vida; ele suprime o azoto, quando este é nocivo, e nada mais. Como nosso poder não é o mesmo que o deste cientista, como nós somos experimentadores, sem sermos práticos, devemos contentar-nos em procurar o determinismo dos fenômenos sociais, deixando para os legisladores, para os homens de aplicação, o cuidado de dirigir mais cedo ou mais tarde estes fenômenos, de modo a desenvolver os bons e reduzir os maus, sob o ponto de vista da utilidade humana.

Resumo, agora, nosso papel de moralistas experimentadores. Mostramos o mecanismo do útil e do nocivo, definimos o determinismo dos fenômenos humanos e sociais, para que se possa um dia dominar e dirigir estes fenômenos. Em uma palavra, trabalhamos com todo o século na grande obra que é a conquista da natureza, a potência do homem decuplicada. E vejam, comparado ao nosso, o trabalho dos escritores idealistas, que se apóiam no irracional e no sobrenatural, e cujos enlevos são seguidos, um a um, de uma profunda queda no caos metafísico. Somos nós que estamos com a força, somos nós que estamos com a moral.

IV

O que me fez escolher a *Introdução*, eu já disse, é que a Medicina ainda é vista por muitas pessoas como uma arte. Claude Bernard prova que ela deve ser uma ciência. Assistimos assim à eclosão de uma ciência, espetáculo muito instrutivo em si mesmo, e que nos prova que o domínio científico está se alargando e ganhando todas as manifestações da inteligência humana. Visto que a Medicina, que era uma arte, está se tornando uma ciência, porque a própria Literatura não se tornaria uma ciência, graças ao método experimental?

Convém observar que tudo está ligado; que, se o terreno do médico experimentador é o corpo do homem nos fenômenos de seus órgãos, em estado normal e em estado patológico, nosso terreno é igualmente o corpo do homem nos seus fenômenos cerebrais e sensuais, em estado sadio e em estado mórbido. Já que não nos atemos mais ao homem metafísico da idade clássica, temos que levar em conta as novas idéias de nossa época sobre a natureza e a vida. Continuamos fatalmente, repito, o trabalho do fisiólogo e do médico, os quais continuaram o do físico e o do químico. Assim sendo, entramos na ciência. Deixo de lado a questão do sentimento e da forma, da qual falarei mais adiante.

Vejamos, de início, o que Claude Bernard diz da Medicina:

Certos médicos pensam que a Medicina só pode ser conjectural, e concluem que o médico é um artista que deve suprir o indeterminismo dos casos particulares através de seu gênio, de seu talento pessoal. Estas são idéias anticientíficas, contra as quais é preciso se levantar com todas as forças porque são elas que contribuem para fazer a Medicina estagnar no estado em que está há tanto tempo. Todas as ciências começaram sendo, necessariamente, conjecturais; hoje existem ainda em cada ciência partes conjecturais. A Medicina continua sendo conjectural em quase tudo, não o nego; mas quero apenas dizer que a ciência moderna deve fazer esforços para sair deste estado provisório que não constitui um estado científico definitivo, nem para a Medicina nem para as outras ciências. O estado científico demorará mais para se constituir e será mais difícil de se obter em Medicina, por causa da complexidade dos fenômenos; mas o objetivo do médico cientista é, em sua ciência como em todas as outras, reduzir o indeterminado ao determinado.

Aí está, no seu conjunto, o mecanismo do nascimento e do desenvolvimento de uma ciência. O médico ainda é tratado de artista porque, em Medicina, um lugar enorme é deixado às conjecturas. Naturalmente, o romancista fará mais jus ao nome de artista, uma vez que se encontra mais imerso ainda no indeterminado. Se Claude Bernard confessa que a complexidade dos fenômenos impedirá por muito tempo a Medicina de se constituir em estado científico, que será então do romance experimental, onde os fenômenos são mais complexos ainda? Mas isto não impedirá o romance de trilhar o caminho científico, de obedecer à evolução geral do século.

Aliás, o próprio Claude Bernard indicou as evoluções do espírito humano.

O espírito humano, diz ele, nos diversos períodos de sua evolução, passou sucessivamente pelo sentimento, pela razão e pela experiência. De início, o sentimento, impondo-se à razão, criou as verdades de fé, isto é a teologia. A razão ou filosofia, que sobrepujou em

seguida, deu à luz a escolástica. Por fim, a experiência, isto é, o estudo dos fenômenos naturais, ensinou ao homem que as verdades do mundo exterior não se encontram formuladas, à primeira vista, nem no sentimento nem na razão. Estes são apenas nossos guias indispensáveis; mas, para obter tais verdades, é preciso necessariamente descer na realidade objetiva das coisas onde elas estão escondidas em sua forma de fenômeno. Foi assim que apareceu, pelo progresso natural das coisas, o método experimental, que reúne tudo e que se apóia sucessivamente nos três ramos deste tripé imutável: o sentimento, a razão, a experiência. Na busca da verdade, por meio deste método, o sentimento sempre tem a iniciativa e engendra a idéia *a priori* ou intuição; a razão ou o raciocínio desenvolve depois a idéia e deduz suas consequências lógicas. Mas se o sentimento deve ser aclarado pelas luzes da razão, a razão por sua vez deve ser guiada pela experiência¹.

Transcrevi esta página inteira, porque ela é da maior importância. Ela distingue nitidamente, no romance experimental, a parte da personalidade do romancista, excluído o estilo. Se o sentimento é o ponto de partida do método experimental, e se a razão intervém em seguida para chegar à experiência e para ser controlada por ela, o gênio do experimentador domina tudo; é isto, aliás, que faz com que o método experimental, inerte em outras mãos, se tenha tornado um instrumento tão possante nas mãos de Claude Bernard. Acabo de dizer a palavra: o método experimental não é nada mais do que um instrumento; o realizador, a idéia que ele traz na mente é que faz a obra-prima. Já citei estas linhas:

É um sentimento especial, um *quid proprium* que constitui a originalidade, a invenção ou o gênio de cada um.

1. Através desta longa citação de Claude Bernard, Zola subscreve a famosa lei comtiana dos três estados teóricos sucessivos pelos quais passam os conhecimentos humanos. Lei que se tornou um dos fundamentos do espírito positivista.

Eis, portanto, a parte reservada ao gênio no romance experimental. Como diz novamente Claude Bernard:

A idéia é a semente; o método é o solo que lhe fornece as condições para se desenvolver, prosperar e dar seus melhores frutos, segundo a natureza.

Tudo se reduz depois a uma questão de método. Se você permanece na idéia *a priori*, e no sentimento, sem apoiá-lo na razão e sem verificá-lo pela experiência, você é poeta, arrisca hipóteses que não podem ser provadas por nada, debate-se no indeterminismo penosamente e sem utilidade, de modo nocivo às vezes. Ouça estas linhas da *Introdução*:

O homem é naturalmente metafísico e orgulhoso; e pode ter acreditado que as criações ideais de seu espírito, que correspondem a seus sentimentos, representavam também a realidade. De onde se conclui que o método experimental não é em nada primitivo nem natural ao homem, e que foi apenas depois de ter divagado por muito tempo em discussões teológicas e escolásticas que o homem acabou reconhecendo a esterilidade de seus esforços neste caminho. Percebeu, então, que não dita leis à natureza, porque não possui em si mesmo o conhecimento e o *criterium* das coisas exteriores; e compreendeu que para chegar à verdade, deve, pelo contrário, estudar as leis naturais e submeter suas idéias, quando não sua razão, à experiência, isto é, ao *criterium* dos fatos.

Que acontece então com o gênio, no romancista experimentador? Permanece sendo o gênio, a idéia *a priori*, mas é controlado pela experiência. Como é natural, a experiência não pode destruir o gênio, ela o confirma, pelo contrário. Consideremos um poeta. Será que, para que ele seja dotado de gênio, é necessário que seu sentimento, ou que sua idéia *a priori* seja falsa? Evidentemente não, pois, o gênio de um
58 homem será tanto maior quanto mais a experiência tiver

provado a verdade de sua idéia pessoal. Foi realmente necessário nossa era de lirismo, nossa doença romântica, para se medir o gênio de um homem pela quantidade de tolices e de loucuras que ele pôs em circulação². Concluo dizendo que, de agora em diante, em nosso século de ciência, o gênio deve ser posto à prova pela experiência.

Esta é nossa controvérsia com os escritores idealistas. Eles partem sempre de uma fonte irracional qualquer, tal como uma revelação, uma tradição ou uma autoridade convencional. Como Claude Bernard o declara:

Não se deve admitir nada de oculto; só existem fenômenos e condições de fenômenos.

Nós, os escritores naturalistas, submetemos cada fato à observação e à experiência; enquanto que os escritores idealistas admitem influências misteriosas que escapam à análise, e permanecem por isso no desconhecido, fora das leis da natureza. Esta questão do ideal, cientificamente, reduz-se à questão do indeterminado e do determinado. Tudo o que não sabemos, tudo o que nos escapa ainda, é o ideal; e o alvo de nosso esforço humano é reduzir dia a dia o ideal, conquistar a verdade ao desconhecido. Somos todos idealistas, se se entende com isso que nos ocupamos com o ideal. Mas, chamo idealistas àqueles que se refugiam no desconhecido

2. Uma das grandes lutas de Zola foi contra a "doença romântica", esse excesso de lirismo e idealismo que, no seu entender, causaram muitos danos a várias gerações de intelectuais. Assim, julgou-se no direito de prevenir a juventude de seu tempo contra a idolatria de Victor Hugo e da retórica romântica. "Lettre à la jeunesse", segundo ensaio do volume *O Romance Experimental*, ilustra bem esta sua polêmica.

pelo prazer de nele estar, que só têm gosto pelas hipóteses mais arriscadas e que desdenham submetê-las ao controle da experiência, sob o pretexto que a verdade está neles e não nas coisas. Estes, repito, fazem um trabalho vão e nocivo, enquanto que o observador e o experimentador são os únicos que trabalham para o poder e a felicidade do homem, tornando-o pouco a pouco mestre da natureza. Não há nem nobreza, nem dignidade, nem beleza, nem moralidade no fato de não saber, de mentir, de pretender que se é tanto maior quanto mais se eleva no erro e na confusão. Somente as obras elevadas e morais são obras de verdade.

A única coisa que se deve aceitar é o que chamarei de agulhão do ideal. É certo que nossa ciência é bem pequena ainda, ao lado da massa enorme de coisas que ignoramos. O imenso desconhecido que nos circunda só nos deve inspirar o desejo de penetrá-lo, de explicá-lo, graças aos métodos científicos. E não se trata apenas dos cientistas; todas as manifestações da inteligência humana se tocam, todos os nossos esforços tendem à necessidade de nos tornarmos mestres da verdade. É o que Claude Bernard exprime muito bem, quando escreve:

As ciências possuem todas, se não um método próprio, pelo menos procedimentos especiais, e além disso, servem de instrumentos umas às outras. A Matemática serve de instrumento à Física, à Química, à Biologia, em proporções diversas; a Física e a Química servem de instrumentos possantes à Fisiologia e à Medicina. Neste socorro mútuo que as ciências se prestam, convém distinguir o cientista que faz avançar cada ciência, daquele que se serve dela. O físico e o químico não são matemáticos por empregarem o cálculo; o fisiólogo não é químico nem físico por usar reagentes químicos ou instrumentos de Física, da mesma forma que o químico e o físico não são fisiólogos por estudarem a composição ou as propriedades de certos líquidos e tecidos animais ou vegetais.

Tal é a resposta que dá Claude Bernard por nós, romancistas naturalistas, aos críticos que zombaram de nossas pretensões à ciência. Não somos nem químicos, nem físicos, nem fisiólogos; somos simplesmente romancistas que nos apoiamos nas ciências. Por certo, nossa pretensão não é fazer descobertas na Fisiologia, que não praticamos; mas, tendo que estudar o homem, acreditamos que não podemos nos dispensar de levar em conta as novas verdades fisiológicas. E acrescentarei que os romancistas são certamente os trabalhadores que se apóiam no maior número possível de ciências, pois eles tratam de tudo e devem saber tudo, uma vez que o romance se tornou uma investigação geral sobre a natureza e sobre o homem. Eis como fomos levados a aplicar o método experimental ao nosso trabalho, a partir do momento em que este método se tornou o mais possante instrumento da investigação. Resumimos a investigação, lançamo-nos na conquista do ideal, empregando todos os conhecimentos humanos.

Fica bem entendido que eu falo aqui do *como* das coisas, e não do *porquê*. Para um cientista experimentador, o ideal que procura reduzir — o indeterminado — está sempre no *como*. Ele deixa para os filósofos o outro ideal, o do *porquê*, o qual ele não tem esperança de determinar um dia. Acho que os romancistas experimentadores não se devem tampouco preocupar com este desconhecido, se não quiserem se perder nas loucuras dos poetas e dos filósofos. Já é um trabalho suficientemente extenso procurar conhecer o mecanismo da natureza, sem se preocupar por enquanto com a origem deste mecanismo. Se conseguirmos conhecê-lo um dia, será sem dúvida graças ao método, e o melhor é, portanto, começar pelo começo, pelo estudo dos fenômenos, em vez de esperar que uma súbita revelação nos entregue o segredo do mundo. Somos operários, deixamos aos especu-

ladores o desconhecido do *porquê*, no qual eles se debatem em vão há séculos, e limitamo-nos ao desconhecido do *como*, que diminui a cada dia diante de nossa investigação. O único ideal que deve existir para nós, romancistas experimentadores, é aquele que podemos conquistar.

Aliás, na lenta conquista deste desconhecido que nos rodeia, confessamos humildemente o estado de ignorância em que nos encontramos. Estamos começando a andar para frente, nada mais; e nossa única força verdadeira está no método. Claude Bernard, após ter confessado que a Medicina experimental ainda está balbuciando, não hesita, na prática, em dar um lugar considerável à medicina empírica.

No fundo, diz ele, o empirismo, isto é, a observação ou a experiência fortuita, foi a origem de todas as ciências. Nas ciências complexas da humanidade, o empirismo governará necessariamente a prática durante muito mais tempo do que nas ciências simples.

E Claude Bernard não vê nenhuma dificuldade em aceitar que, à cabeceira de um doente, quando o determinismo do fenômeno patológico não é encontrado, o melhor ainda é agir empiricamente; o que, aliás, corresponde ao caminhar natural de nossos conhecimentos, posto que o empirismo precede fatalmente o estado científico de um conhecimento. É claro que, se os médicos devem se ater ao empirismo em quase todos os casos, a isso também devemos nos ater com muito mais razão, nós, os romancistas, cuja ciência é mais complexa e está menos fixada. Não se trata, — repetindo ainda uma vez — de forjar em bloco a ciência do homem, como indivíduo e como membro social; trata-se de sair pouco a pouco, e com todas as tentativas necessárias, da obscuridade em que nos encontramos a nosso respeito, 62 felizes quando, em meio a tantos erros, podemos fixar uma

verdade. Nós experimentamos; isso quer dizer que devemos durante muito tempo ainda empregar o falso para chegar ao verdadeiro.

Tal é o modo de pensar dos fortes. Claude Bernard combate com altivez aqueles que querem ver no médico unicamente um artista. Ele conhece a objeção habitual daqueles que procuram olhar a medicina experimental “como uma concepção teórica cuja realidade prática não é justificada ainda por nada, porque nenhum fato demonstra que se possa alcançar em Medicina a precisão científica das ciências experimentais”. Mas sem se deixar perturbar, ele demonstra que “a Medicina experimental nada mais é do que o desabrochar natural da investigação médica prática, dirigida por um espírito científico”. E eis sua conclusão:

Sem dúvida, estamos longe da época em que a Medicina se terá tornado científica; mas isso não nos impede de conceber essa possibilidade e de fazer todo nosso esforço para tender a isso, procurando desde hoje introduzir na Medicina o método que deve nos conduzir a tal fim.

Tudo isso, como não me cansarei de repetir, aplica-se exatamente ao romance experimental. Ponham aqui também a palavra “romance” em lugar da palavra “Medicina” e o trecho permanece verdadeiro.

Dirigirei à nova geração literária que está crescendo, estas elevadas e corajosas palavras de Claude Bernard. Não conheço palavras mais viris:

A Medicina está destinada a sair aos poucos do empirismo, e ela sairá, da mesma forma que todas as outras ciências, pelo método experimental. Esta convicção profunda sustenta e dirige minha vida científica. Não dou ouvidos à voz dos médicos que pedem que se lhes explique experimentalmente o sarampo e a escarlatina e que acreditam

tirar disso um argumento contra o emprego do método experimental em Medicina. Estas objeções desencorajadoras e negativas derivam em geral de espíritos sistemáticos ou preguiçosos que preferem descansar sobre seus sistemas ou adormecer nas trevas, em vez de trabalhar e esforçar-se para sair dessa situação. O caminho experimental tomado pela Medicina é hoje definitivo. Com efeito, ele não é de forma alguma o resultado da influência efêmera de um determinado sistema pessoal, mas sim o resultado da evolução científica da própria Medicina. São as minhas convicções a este respeito, e que procuro incutir no espírito dos jovens médicos que seguem meus cursos no Collège de France...³ É preciso, antes de tudo, infundir nos jovens o espírito científico e iniciá-los nas noções e tendências das ciências modernas.

Freqüentemente, escrevi as mesmas palavras, dei os mesmos conselhos, e os repetirei aqui:

Só o método experimental pode tirar o romance das mentiras e dos erros em que ele se arrasta. Toda a minha vida literária foi dirigida por esta convicção. Não dou ouvidos à voz dos críticos que me pedem para formular as leis da hereditariedade nas personagens e as da influência dos meios. Os que me fazem estas objeções negativas e desencorajadoras, dirigem-nas a mim apenas por preguiça de espírito, por teimosia na tradição, por apego mais ou menos consciente a crenças filosóficas e religiosas... O caminho experimental tomado pelo romance é hoje definitivo. Com efeito, ele não é de forma alguma o resultado da influência efêmera de um determinado sistema pessoal, mas sim o resultado da evolução científica do próprio estudo do homem. São as minhas convicções a este respeito, e que procuro incutir no espírito dos jovens escritores que me lêem, pois eu julgo que é preciso, antes de tudo, infundir-lhes o espírito científico e iniciá-los nas noções e tendências das ciências modernas.

V

Antes de concluir, resta-me tratar de diversos pontos secundários.

O que convém frisar principalmente é o caráter pessoal do método. Criticava-se Claude Bernard por se dar ares de inovador, e ele respondia com seu elevado tirocínio:

Não tenho absolutamente a pretensão de ter sido o primeiro a propor a aplicação da Fisiologia à Medicina. Isso foi recomendado desde há muito tempo, e numerosas tentativas foram feitas neste sentido. Em meus trabalhos e em meu ensino no Collège de France, nada mais faço senão seguir uma idéia que já traz frutos em sua aplicação à Medicina.

Foi isso que eu mesmo respondi, quando afirmaram que eu me colocava como inovador, como chefe de escola. Disse então que não trazia nada e que tentava simplesmente, em meus romances e na minha crítica, aplicar o método científico, há muito tempo em uso. Mas, naturalmente, fingiram não me ouvir e continuaram a falar de minha vaidade e ignorância.

O que eu repeti vinte vezes, — que o Naturalismo não era uma fantasia pessoal, que ele era o próprio movimento da inteligência do século — Claude Bernard o diz também, com mais autoridade, e talvez nele se acredite:

A revolução que o método experimental operou nas ciências, escreve ele, consiste em ter substituído a autoridade pessoal por um *criterium* científico. A característica do método experimental é depender apenas de si mesmo, porque contém em si seu critério, que é a experiência. Ele não reconhece outra autoridade a não ser a dos fatos e se liberta da autoridade pessoal.

Por conseguinte, não há mais teoria:

A idéia tem de ficar sempre independente; não se deve acorrentá-la com crenças filosóficas* ou religiosas e nem tampouco com crenças científicas. É preciso ser ousado e livre na manifestação das idéias, perseguir a própria intuição e não se deter nos temores pueris da contradição das teorias. . . É preciso modificar a teoria para adaptá-la à natureza, e não a natureza para adaptá-la à teoria.

Donde uma abertura incomparável:

O método experimental é o método científico que proclama a liberdade do pensamento. Ele não apenas sacode o jugo filosófico e teológico, mas também recusa a autoridade científica pessoal. Isso não é de forma alguma orgulho nem jactância; o experimentador, pelo contrário, faz ato de humildade negando a autoridade pessoal, pois ele duvida também de seus próprios conhecimentos e submete a autoridade dos homens às da experiência e das leis da natureza.

Eis por que já disse tantas vezes que o Naturalismo não é uma escola; que não se encarna, por exemplo, no gênio de um homem, nem nas extravagâncias de um grupo, como o Romantismo, e que consiste simplesmente na aplicação do método experimental ao estudo da natureza e do homem. Assim sendo, o que há é apenas uma vasta evolução, uma marcha para a frente na qual todo mundo é operário segundo seu gênio. Admitem-se todas as teorias, e a teoria que vence é aquela que explica mais coisas. Não parece existir via literária e científica mais larga nem mais direta. Todos, grandes

e pequenos, nela se movem livremente, trabalhando para a investigação comum, cada um na sua especialidade, e não reconhecendo outra autoridade que não a dos fatos, provada pela experiência. Portanto, no Naturalismo, não poderia haver nem inovadores nem chefes de escola. Há simplesmente trabalhadores, uns mais poderosos que outros.

Claude Bernard exprime assim a desconfiança que se deve manter face às teorias:

É preciso ter uma fé robusta e não crer; explico-me, dizendo que na ciência é preciso crer firmemente nos princípios e duvidar das fórmulas; com efeito, por um lado temos certeza que o determinismo existe, mas nunca estamos certos de detê-lo. É preciso ser inabalável quanto aos princípios da ciência experimental (determinismo), mas não crer de modo absoluto nas teorias.

Citarei ainda o trecho seguinte, no qual ele anuncia o fim dos sistemas:

A Medicina experimental não é um outro sistema de Medicina, mas, pelo contrário, a negação de todos os sistemas. Com efeito, o advento da Medicina experimental terá como resultado fazer desaparecer da ciência todas as visões individuais, para substituí-las por teorias impessoais e gerais que serão, como nas outras ciências, apenas uma coordenação regular e raciocinada dos fatos fornecidos pela experiência.

Será exatamente a mesma coisa para o romance experimental.

Se Claude Bernard se defende da acusação de ser um inovador, ou antes, um inventor, que traz uma teoria pessoal, também insiste muitas vezes sobre o perigo que representaria para um cientista o fato de se preocupar com sistemas filosóficos.

Para o experimentador fisiólogo, diz ele, não pode haver nem espiritualismo nem materialismo. Estas palavras pertencem a uma filosofia natural que envelheceu e cairão em desuso pelo próprio progresso da ciência. Jamais conheceremos o espírito ou a matéria, e se coubesse aqui, eu mostraria facilmente que, tanto de um lado como do outro, chega-se logo a negações científicas; donde resulta que todas as considerações desta espécie são ociosas e inúteis. Para nós, trata-se tão-somente de estudar fenômenos, conhecer as condições materiais de suas manifestações e determinar as leis destas manifestações.

Eu disse que, no romance experimental, o melhor seria limitarmo-nos a este ponto de vista estritamente científico, se quiséssemos basear nossos estudos num terreno sólido. Não sair do *como*, não se apegar ao *porquê*. Contudo, é certo que nem sempre podemos escapar a esta necessidade de nossa inteligência, a esta curiosidade inquieta que nos leva a querer conhecer a essência das coisas. Acho que devemos então aceitar o sistema filosófico que melhor se adapte ao estado atual das ciências, mas simplesmente de um ponto de vista especulativo. Por exemplo, o transformismo é atualmente o sistema mais racional, aquele que se baseia mais diretamente em nosso conhecimento da natureza. Atrás de uma ciência, atrás de qualquer manifestação da inteligência humana, há sempre, apesar do que diz Claude Bernard, um sistema filosófico mais ou menos nítido. Podemos não nos apegarmos a ele devotamente e limitarmo-nos aos fatos, prestes a modificar o sistema, se os fatos o quiserem. Mas o sistema não deixa por isso de existir, e ele existe tanto mais quanto menos avançada e sólida é a ciência. Para nós, romancistas experimentadores, que ainda estamos balbuciando, a hipótese é inevitável. (A propósito, daqui a pouco tratarei de papel da hipótese na Literatura.)

De qualquer forma, embora rejeite os sistemas filosóficos, na aplicação, Claude Bernard reconhece a necessidade da Filosofia.

Sob o ponto de vista científico, a Filosofia representa a eterna inspiração da razão humana rumo ao conhecimento do desconhecido. Assim sendo, os filósofos circunscrevem-se sempre às questões em controvérsia e às regiões elevadas, limites superiores das ciências. Desse modo, comunicam ao pensamento científico um movimento que o vivifica e enobrece; fortificam o espírito, desenvolvendo-o através de uma ginástica intelectual geral, ao mesmo tempo em que o voltam incessantemente para a inesgotável solução dos grandes problemas; e conservam assim a sede do desconhecido e o fogo sagrado da investigação, que jamais devem extinguir-se num cientista.

O trecho é belo, mas nunca se disse em melhores termos aos filósofos que suas hipóteses são pura poesia. Claude Bernard considera evidentemente os filósofos, — entre os quais se orgulha de ter muitos amigos — como músicos, às vezes geniais, cuja música encoraja os cientistas durante seus trabalhos, inspirando-lhes o fogo sagrado das grandes descobertas. Entregues a si mesmos, cantariam sempre e jamais encontrariam uma verdade.

Deixei de lado, até aqui, a questão da forma no escritor naturalista¹, porque é ela justamente que particulariza a Literatura. No escritor, o gênio encontra-se não apenas no sentimento, na idéia *a priori*, mas está também na forma, no estilo. Entretanto, a questão do método e a questão da retórica são distintas. E o Naturalismo, digo-o de novo, consiste unicamente no método experimental, na observação e expe-

1. Sobre a forma, no romance experimental, a segunda parte deste volume — *O Naturalismo no Teatro* — traz outros subsídios interessantes.

riência aplicadas à Literatura. A retórica, por enquanto, não tem nada a ver aqui. Fixemos o método, que deve ser comum, e aceitemos depois nas letras todas as retóricas que se produzirem; consideremo-las como expressões dos temperamentos literários dos escritores.

Ou, — para exprimir minha opinião de modo bem nítido — dá-se hoje uma preponderância exagerada à forma. Eu teria muita coisa a dizer sobre este assunto, mas isso ultrapassaria os limites deste estudo. No fundo, acho que o método atinge a própria forma, e que uma linguagem nada mais é do que uma lógica, uma construção natural e científica. Escreverá melhor, não aquele que galopar estouvadamente através das hipóteses, mas aquele que caminhar direto no meio das verdades. Estamos atualmente podres de lirismo, acreditamos muito erradamente que o grande estilo é feito de um deslumbramento sublime, sempre prestes a dar cambalhotas na demência. O grande estilo é feito de lógica e de clareza.

Por isso, Claude Bernard, que atribui aos filósofos um papel de músicos tocando a *Marselhesa* das hipóteses, enquanto os cientistas se arrojam no assalto ao desconhecido, tem mais ou menos a mesma idéia sobre os artistas e sobre os escritores. Tenho observado que muitos cientistas, e dos maiores, muito ciosos da certeza científica que detêm, querem desta forma resumir a Literatura ao ideal. Eles mesmos parecem sentir a necessidade de um recreio para mentiras, após seus trabalhos exatos, e se deleitam com as hipóteses mais arriscadas e ficções que, como sabem, são perfeitamente falsas e ridículas. É uma música de flauta, que permitem que se toque para eles. Assim, Claude Bernard teve razão em dizer:

As produções literárias e artísticas não envelhecem nunca, enquanto expressões de sentimentos imutáveis como a natureza humana.

Com efeito, a forma basta para imortalizar uma obra; o espetáculo de uma individualidade possante interpretando a natureza numa linguagem soberba permanecerá interessante para todas as idades; mas, sob este mesmo ponto de vista, também se lerá sempre um grande cientista, porque o espetáculo de um grande artista que soube escrever é exatamente tão interessante quanto o de um grande poeta. Por mais que se tenha enganado em suas hipóteses, ele fica em pé de igualdade com o poeta que, com toda certeza, se enganou também. O que se deve dizer é que nosso domínio não é feito unicamente de sentimentos imutáveis como a natureza humana, pois, resta em seguida fazer funcionar o verdadeiro mecanismo destes sentimentos. Não esgotamos nosso assunto ao descrevermos a cólera, a avareza, o amor; toda a natureza e todo o homem nos pertencem, não apenas em seus fenômenos, mas também nas causas destes fenômenos. Sei muito bem que se trata de um campo imenso, cuja entrada quizeram nos barrar; mas rompemos estas barreiras e triunfamos agora nesse campo. Eis por que não aceito as palavras seguintes de Claude Bernard:

Quanto às artes e às letras, a personalidade domina tudo. Trata-se de uma criação espontânea do espírito, e isso não tem mais nada em comum com a constatação dos fenômenos naturais, nos quais nosso espírito nada deve criar.

Surpreendo aqui um cientista dos mais ilustres, na contingência de recusar às letras a entrada do domínio científico. Não sei de que letras ele quer falar, ao definir uma obra literária como

Uma criação espontânea do espírito, que não tem nada em comum com a constatação dos fenômenos naturais.

Talvez se refira à poesia lírica, pois não teria escrito a frase pensando no romance experimental, nas obras de Balzac e de Stendhal. Limito-me a repetir o que já disse: se deixarmos de lado a forma, o estilo, o romancista experimentador nada mais é senão um cientista especial que emprega o instrumento dos outros cientistas, a observação e a análise. Nosso domínio é o mesmo que o do fisiólogo, exceto que é mais vasto. Como ele, nós trabalhamos com o homem, pois tudo faz crer — e o próprio Claude Bernard o reconhece — que os fenômenos cerebrais podem ser determinados como os outros fenômenos. É verdade que Claude Bernard pode dizer-nos que flutuamos em plena hipótese; mas não lhe ficaria bem disso concluir que nunca chegaremos à verdade, pois ele se bateu durante toda sua vida para fazer da Medicina uma ciência, da Medicina, que a grande maioria de seus confrades consideram como uma arte.

Definamos agora com nitidez o romancista experimentador. Claude Bernard dá a definição seguinte do artista:

O que é um artista? É um homem que realiza numa obra de arte uma idéia ou um sentimento que lhe é pessoal.

Repudio inteiramente esta definição. Assim, caso eu representasse um homem andando de cabeça no chão, teria feito uma obra de arte, se tal fosse meu sentimento pessoal? Eu seria um louco, e nada mais. É preciso, pois, acrescentar que o sentimento pessoal do artista fica submetido ao controle da verdade. Assim chegamos à hipótese. O artista parte do mesmo ponto que o cientista; ele se coloca diante da natureza, tem uma idéia *a priori* e trabalha segundo esta idéia. Ele só se separa do cientista se levar sua idéia até o fim, sem

-se-iam chamar artistas experimentadores aqueles que levassem em conta a experiência; mas, então, se diria que já não são artistas, visto que se considera a arte como a soma de erro pessoal que o artista põe em seu estudo da natureza. Tenho constatado que, a meu ver, a personalidade do escritor só poderia estar na idéia *a priori* e na forma. Ela não pode encontrar-se na teimosia do falso. Admito até que ela esteja na hipótese, mas é preciso esclarecer bem as coisas.

Costuma-se dizer que os escritores devem abrir caminho aos cientistas. Isso é verdade, pois, acabamos de ver que, na *Introdução*, a hipótese e o empirismo precedem e preparam o estado científico, o qual se estabelece em última instância pelo método experimental. O homem começou por arriscar certas explicações dos fenômenos; os poetas disseram sua maneira de sentir e os cientistas vieram em seguida a controlar as hipóteses e fixar a verdade. Trata-se sempre do papel de pioneiros que Claude Bernard atribui aos filósofos. Há nisso um papel nobre, e os escritores ainda têm o dever de preenché-lo hoje. Mas, fica bem entendido que, todas as vezes que uma verdade é fixada pelos cientistas, os escritores devem abandonar imediatamente sua hipótese para adotar esta verdade; em caso contrário, eles permaneceriam por *parti pris* no erro, sem benefício para ninguém. É assim que, à medida que avança, a ciência nos fornece, a nós escritores, um terreno sólido no qual devemos nos apoiar para nos lançarmos em novas hipóteses. Em uma palavra, todo fenômeno determinado destrói a hipótese, e a substitui, sendo desde então necessário transportar a hipótese mais adiante, no novo desconhecido que se apresentar. Tomarei um exemplo muito simples, para melhor me fazer compreender: está provado que a terra gira em torno do sol; o que se pensaria de um poeta que adotasse a antiga crença, o sol girando em torno da terra?

Evidentemente, se quiser arriscar uma explicação pessoal de um fato, o poeta deverá escolher um fato cuja causa ainda não seja conhecida. Eis, portanto, o que deve ser a hipótese, para nós romancistas experimentadores; temos de aceitar estritamente os fatos determinados, não aventurar sobre estes fatos sentimentos pessoais que seriam ridículos, apoiar-nos no terreno conquistado pela ciência, até o fim; depois, e somente então, diante do desconhecido, exercer nossa intuição e preceder a ciência, prestes a nos enganar às vezes, felizes se trouxermos documentos para a solução dos problemas. Mantenho-me, aliás, no programa prático de Claude Bernard, que é forçado a admitir o empirismo como um tatear necessário. Assim, em nosso romance experimental, poderemos muito bem arriscar hipóteses sobre as questões de hereditariedade e sobre a influência dos meios, após termos respeitado tudo o que a ciência sabe hoje sobre a matéria. Prepararemos os caminhos, forneceremos fatos de observação, documentos humanos que poderão se tornar muito úteis. Um grande poeta lírico exclamava ultimamente que nosso século é o século dos profetas. Sim, até certo ponto; mas deve ficar entendido que os profetas não se apoiarão no irracional nem no sobrenatural. Se os profetas, como sói acontecer, devem colocar em questão as noções mais elementares, arrumar a natureza com um estranho molho filosófico e religioso, ater-se ao homem metafísico, confundir e obscurecer tudo, eles serão apenas, apesar de seu gênio de retóricos, gigantescos Gribouille² que ignoram que a gente

2. Tipo popular, sinônimo de ingenuidade e tolice. Termo usado na locução: "fin comme Gribouille qui se jette à l'eau de peur de se mouiller"; logo, tão tolo que vai de encontro ao mal que procura evitar.

se molha quando se joga na água. Em nossos tempos de ciência, profetizar é uma delicada missão, porque não se crê mais nas verdades de revelação e porque, para prever o desconhecido, é preciso começar por conhecer o conhecido.

Eu queria chegar a esta conclusão: se eu definisse o romance experimental, não diria como Claude Bernard que uma obra literária está toda ela na maneira pessoal de sentir, pois, para mim o sentimento pessoal é apenas o impulso primeiro. Em seguida, está a natureza, — que se impõe — pelo menos a parte da natureza cujo segredo a ciência nos entregou, e sobre a qual não temos mais o direito de mentir. O romancista experimentador é, portanto, aquele que aceita os fatos provados, que mostra, no homem e na sociedade, o mecanismo dos fenômenos que a ciência domina, e que faz o seu sentimento pessoal intervir apenas nos fenômenos cujo determinismo ainda não está de forma alguma fixado, procurando controlar o mais que puder este sentimento pessoal, esta idéia *a priori*, pela observação e pela experiência.

Eu não saberia conceber nossa literatura naturalista de outra forma. Falei apenas do romance experimental, mas estou firmemente convencido de que o método, após ter triunfado na História e na Crítica, triunfará em toda parte, no Teatro e mesmo em Poesia. É uma evolução inevitável. A Literatura, diga-se o que se disser, também não está toda ela no operário; está também na natureza, que ela descreve, e no homem, que ela estuda. Ora, se os cientistas mudam as noções da natureza, se eles encontram o verdadeiro mecanismo da vida, eles nos forçam a segui-los, e mesmo a precedê-los, para desempenharmos nosso papel nas novas hipóteses. O homem metafísico está morto, todo o nosso terreno se transforma com o homem fisiológico. Com certeza, a cólera de Aquiles, o amor de Dido, permanecerão como

pinturas eternamente belas; mas eis que somos tomados pela necessidade de analisar a cólera e o amor, e de ver exatamente como funcionam estas paixões no ser humano. O ponto de vista é novo; ele se torna experimental em vez de ser filosófico. Em suma, tudo se resume neste grande fato: o método experimental, nas letras tanto quanto nas ciências, está determinando os fenômenos naturais, individuais e sociais, dos quais a Metafísica tinha dado até aqui apenas explicações irracionais e sobrenaturais.